

EDITORIAL ANO XI – VOL I

NIETZSCHE, FOUCAULT E A CRÍTICA AO ANTROPOCENTRISMO

Nesse dossiê, nosso intuito é o de mapear em que medida Friedrich Nietzsche e Michel Foucault contribuem, a partir de suas críticas à vontade de poder atrelada à racionalidade e ao racionalismo modernos, com a problematização do antropocentrismo como norteador de nossas práticas epistemológicas, mas também ético-políticas, estejam elas vinculadas à macrofísica ou à microfísica do poder, ou seja, às organizações institucionais atinentes ao Estado ou à forma pela qual nos relacionamos com os entes mais que humanos no contexto de nossas interações domésticas ou de nossas interações sociais situadas.

Nietzsche e Foucault não são autores propriamente animalistas-ecologistas, mas suas filosofias foram e são extremamente importantes para o desenvolvimento de uma atitude pós-humanista, isto é, de uma atitude que não se fundamenta e tampouco se justifica em uma conceituação excludente de humanidade, a qual supervaloriza – de um ponto de vista ético, político, estético e epistemológico – os animais humanos em detrimento dos entes mais que humanos. As críticas que Nietzsche e Foucault voltam ao antropocentrismo nos permitem compreender filosoficamente os motivos pelos quais vivenciamos, na contemporaneidade, desastres e desequilíbrios ecológicos praticamente incontornáveis.

Além disso, não podemos deixar de mencionar que Nietzsche e Foucault são autores de grande importância para filosofias abertamente comprometidas com a abolição e mitigação das violências perpetradas pelo humano no contexto das interações interespecies.

Assim sendo, no presente volume, interessa-nos compreender em que medida o perspectivismo nietzschiano, mas também suas análises sobre a vontade de poder, o niilismo, os afetos e a transvaloração dos valores teriam contribuído para o desenvolvimento de uma atitude teórico-prática não antropocêntrica que influenciaria, inclusive, Foucault (Nietzsche, 2011, 2005, 2006, 1998, 2008). Talvez possamos afirmar que a crítica foucaultiana acerca da relação entre o humanismo e os mecanismos de exclusão das diferenças, por meio dos processos de animalização dos loucos (Foucault, 1972), delinquentes e criminosos (Foucault, 1975), bem como a anunciação foucaultiano-arqueológica da (necessária) morte do Homem tiveram inspirações nietzschianas (Foucault,

2007a, 2007b). Ao voltar seu olhar às filosofias gregas e romanas, mais especificamente ao cinismo, Foucault também parece seguir as trilhas abertas por Nietzsche (Foucault, 2011). Em suas análises, Foucault destaca a dimensão animalista ou animalista do modo de vida cínico, que subvertia os degradantes valores vigentes na civilização humana através da valorização da simplicidade da vida animal. Com base em Foucault, parece ser possível dizer que a subversão cínica dos valores humanos se constitui como uma espécie de prelúdio da estratégia nietzschiana de transvalorização. Por fim, não podemos deixar de mencionar nosso interesse pelas recepções contemporâneas da biopolítica foucaultiana, que levam em consideração a problematização da gestão da vida e da morte para além da espécie humana (Foucault, 1976-1977).

Reunimos, então, nesse número estudos que traçam a importância de Nietzsche e Foucault para a emergência de uma atitude teórico-prática não antropocêntrica ou pós-humanista no campo da análise dos discursos e no da ação ético-política. Em suma, a partir do presente dossiê, pensamos tanto a relevância de Nietzsche e Foucault no que se refere aos discursos e práticas animalistas-ecologistas, quanto a maneira pela qual suas filosofias são recepcionadas por autores e autoras de viés pós-humanista.

Em vista de tal panorama filosófico, abrimos nosso dossiê com o artigo “Nietzsche como pensador póstumo: animalista, pós-humano e ecologista *avant la lettre*”, de **Mónica B. Cranglonini**, que nos permite ler e reler Nietzsche a partir de uma perspectiva ecológica de viés pós-humanista. Em seguida, **Silvana Vignale** nos convida a pensar, no ensaio “Nietzsche, Foucault e o mal-estar do humano”, em que medida Nietzsche e Foucault nos permitem colocar em questão os binarismos atinentes à alma e ao corpo no tocante à maneira pela qual nos concebemos humanos e, desse modo, praticamos tal humanidade. Já no artigo “Foucault leitor de Nietzsche: o perspectivismo e o riso de uma vida outra contra o antropocentrismo”, **Thiago Ribas** explora a ambivalência do riso como postura epistemológica em Nietzsche e, a partir disso, indica-nos as inspirações nietzschianas de Foucault no que se refere à postulação transhistórica do gesto cínico como afirmação da animalidade.

Na sequência, **Newton Pereira Amusquivar Júnior** nos mostra, no artigo “Nietzsche contra a interpretação antropocêntrica dos animais na filosofia ocidental”, em que medida Nietzsche teria desarticulado a centralidade do Homem no que se refere às preocupações éticas, estéticas e políticas da filosofia. Já no ensaio “O animal desanimalizado: a crítica nietzschiana da natureza humana e a questão animal”, **Vinicius Souza de Paulo** nos permite compreender de que modo Nietzsche reabilita a animalidade e, assim, qual é a dimensão da crítica nietzschiana ao humano demasiadamente humano. Além disso, no artigo

“Cinismo e animalidade. Nietzsche e a crítica ao antropocentrismo”, **Flávio Valentim de Oliveira**, ao promover uma comparação entre Nietzsche e Diógenes, o cínico, mostra-nos o caráter transhistórico da reabilitação nietzschiana da animalidade e, a partir disso, permite-nos problematizar o estatuto cínico do pensamento de Nietzsche no que se refere à força filosófica da figura do cão.

Em “Genealogia da zootécnica: a biopolítica para além da espécie humana”, **Benedetta Piazzesi**, na tradução de **Josué Imanol López** e **Julieta Campos**, redimensiona a concepção foucaultiana de biopolítica no intuito de mostrar que as práticas de criação e exploração animal respondem às injunções da governamentalidade no que diz respeito à sua complexa modulação biopolítica. Caminhando na direção dos redimensionamentos e das reatualizações do arcabouço teórico de Foucault, **Thiago Ranniery**, no ensaio “A vida das criaturas infames: o grau zero da natureza”, apresenta-nos a interpretação foucaultiana acerca da biologia molecular, permitindo-nos perceber em que medida genes, moléculas, ligações químicas e bactérias dão ensejo ao descentramento do humano no que se refere ao comprometimento foucaultiano para com a história. Já **Vanessa Lemm**, no artigo “Ideologias de contágio e comunidade de vida”, traduzido por **Andrés Leonardo Padilla Ramírez** e **Julieta Campos**, problematiza o caráter demasiadamente humanista das discussões acerca da pandemia da COVID-19, as quais impedem que vislumbremos a dimensão interacional entre humanos, vírus e ambientes.

Nosso dossiê também conta com a entrevista de **Paula Fleisner**, intitulada “Entrevista a Paula Fleisner: uma conversa (não antropocêntrica) sobre cães, feminismos e cosmoestética”, concedida a **Anahí Gabriela González**, **Andrés Leonardo Padilla Ramírez** e **Cassiana Stephan**, onde se discute o caráter canino das ontologias operadas a partir de Foucault e Nietzsche, bem como os feminismos antiespecistas e a potência ético-política das interações cosmoestéticas no Androceno.

Ademais, a partir do artigo “Engenheiros florestais e discussões sobre a relação entre natureza e cultura”, de **Rodrigo Cevero Arce Rojas**, somos capazes de compreender algumas das atuais críticas voltadas à biopolítica e ao descentramento nietzschiano do humano – críticas operadas por uma recepção teórica comprometida com a dimensão bioética das teorias não-antropocêntricas no que concerne mais especificamente às ecosofias.

Na seção destinada às resenhas, contamos com a contribuição “Desconstruindo o especismo: um glossário crítico para a resistência animal(ista)”, de **Pedro Joaquín Urbano Lozano**, que desenvolve uma análise da obra *Glosario de resistencia animal(ista)*, escrita por Anahí Gabriela González e Iván

Darío Ávila Gaitán, em 2022. Além disso, contamos com a resenha intitulada “O fim do judaico-cristianismo, do cartesianismo e do antropocentrismo”, de **Gustavo Medina**, que analisa a obra *El fin de la excepción humana*, escrita por Jean-Marie Schaeffer, em 2009.

Encerramos o presente número com o belo e intenso poema “Para ser livre”, de **Lena Tschauder** que o escreve frente à impossibilidade de se esquecer do olhar de uma porca aprisionada pela indústria que violentamente a consome.



Esperamos que, através desse percurso, nossas leitoras e leitores possam entrever algumas das contribuições de Nietzsche e Foucault para o pensamento anti-antropocêntrico comprometido com modos de vida para além do humano e, portanto, com a incomensurabilidade animalista, ecológica ou cósmica das relacionalidades no que diz respeito as suas implicações éticas, políticas, estéticas e epistemológicas.

Bibliografia

Foucault, M. (1972). *Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Éditions Gallimard.

Foucault, M. (1975). *Surveiller et punir: naissance de la prison*. Paris: Gallimard.

Foucault, M. (1976-1997). “Il faut défendre la société”. *Cours au Collège de France*, Gallimard/Seuil: Paris.

Foucault, M. (2007a). *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

Foucault, M. (2007b). *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.

Foucault, M. (2011) *A coragem da verdade – O governo de si e dos outros II. Curso no Collège de France. (1983-1984)*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

Nietzsche, F. (1998). *Genealogia da moral: uma polêmica*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F. (2005). *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso.

Nietzsche, F. (2006). *Crepúsculo dos ídolos*. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, Foucault e a crítica ao antropocentrismo

Anahí Gabriela González & Cassiana Lopes Stephan

Nietzsche, F. (2008). *Humano, demasiado humano II*. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

Nietzsche, F. (2011). *A Gaia Ciência*. Trad. Paulo C. de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.